

A questão de gênero na formação do Licenciado e do Químico: da antiga Faculdade Nacional de Filosofia ao Instituto de Química/UFRJ

Elisa Prestes Massena^{1*} (PG), Nadja Paraense dos Santos² (PQ)

* elisamassena@yahoo.com.br

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação - Praia Vermelha – Rio de Janeiro, RJ.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro- Instituto de Química – Ilha do Fundão – Rio de Janeiro, RJ.

Palavras Chave: gênero, feminino, masculino, Ciências, Licenciado, Químico.

Introdução

Alguns trabalhos apontam que a participação da mulher nas Ciências sempre foi minoritária quando comparada com o envolvimento do gênero masculino¹. Em pesquisa desenvolvida pelas autoras com o objetivo de compreender as questões de gênero envolvidas na formação do Licenciado e do Químico na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foram levantados vários dados que forneceram informações sobre número de graduados. Diante desse quadro buscamos entender como se davam as relações de gênero e se estas podem ser explicadas considerando-se o modelo brasileiro de ensino. Para tal foi feito um levantamento levando em conta os formados pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi)/Universidade do Brasil (UB), nos cursos de Licenciatura em Química como de Bacharelado, no período de 1940-1969 e, posteriormente, dos profissionais formados já pelo Instituto de Química (IQ)/UFRJ nos cursos de Licenciatura em Química e Químico, no período de 2001-2008 e 1972-2008, respectivamente.

Resultados e Discussão

Somente a partir do final do século XIX, as mulheres brasileiras adquiriram o direito de ingressar no ensino superior. Vários autores apontam o período de 1930-1960 como sendo particularmente fértil, em vista das transformações econômicas, sociais e políticas pelas quais passou a sociedade brasileira, e que atingiram tanto a ideologia de gênero, quanto a institucionalização da ciência². A criação da FNFi/UB expandiu a oportunidade das mulheres seguirem uma carreira científica, tornando-se uma alternativa aos cursos superiores existentes. A falta de dados sistemáticos no Brasil sobre a formação e o perfil dos recursos humanos, na educação superior e na ciência, dificultam muito a contextualização dessa discussão. É evidente a mudança na universidade brasileira no que diz respeito à frequência de mulheres, diferente de algumas poucas décadas atrás, atualmente elas são maioria em boa parte dos cursos de graduação e de pós-graduação do país. Essa mudança pode ser observada também nos dados coletados na formação do Químico na UFRJ.

32ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Química

Tabela 1. Percentuais de profissionais formados por gênero nos cursos estudados nos distintos períodos.

| Curso | Total (nº) | Gênero feminino (%) | Gênero masculino (%) |
|------------------------|------------|---------------------|----------------------|
| LIC/FNFi (1940-1969) | 146 | 50,7 | 49,3 |
| Bach/FNFi (1940-1969) | 200 | 50,0 | 50,5 |
| LIC/IQ (2001-2008) | 275 | 55,6 | 44,4 |
| Químico/IQ (1972-2008) | 872 | 56,4 | 46,3 |

LIC: licenciatura; Bach: bacharelado.

O que se observa é um aumento no percentual de formados do gênero feminino do curso de Químico. No curso de Licenciatura, o percentual que já era um pouco superior nas décadas de 40 e 50, sofre um aumento razoável.

Conclusões

Explorar os elos entre relações de gênero e história da ciência constitui um dos propósitos deste trabalho. A investigação a respeito da participação feminina no curso de Química da UFRJ pretende contribuir para alargar a perspectiva do debate historiográfico sobre as relações entre sistema de gênero e institucionalização das ciências no Brasil. No curso de Bacharelado em Química durante as décadas de 1940 até o final de 1960 havia um equilíbrio entre os gêneros, mas no período de meados da década de 1970 até 2000, o que observamos é a prevalência da formação feminina e a maior inserção da mulher no ensino superior, alterando a configuração eminentemente masculina deste campo científico. O estudo em questão está em curso com a realização de pesquisa documental que poderá nos fornecer outras pistas.

Agradecimentos

À CAPES.

¹ Chassot, A. A Ciência é masculina? É sim, senhora! São Leopoldo: Unisinos, 2003.

² Tabak, F. O Laboratório de Pandora. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.